

DEAMBULAÇÕES DO POETA CESÁRIO VERDE

Rodrigo da Costa Araujo

SANTOS, Valci Vieira dos. *Campo e cidade na poesia de Cesário Verde*. Vila Velha, ES: Opção Editora, 2010. 128. p.

Se a leitura do espaço, toda e qualquer, permitir apenas aproximações, barrando a pretensão totalizante, talvez o livro *Campo e cidade na poesia de Cesário Verde* [2010], de Valci Vieira dos Santos confirma que brincar de metáforas possa ser uma aventura fascinante, fornecendo pistas pelas quais a leitura poética se processa. O resultado: visualidades, sutilezas, imagens poéticas, deambulações.

Para tal, no exercício do pesquisador, evoca-se o poeta português Cesário Verde [1855-1886] e alude-se a dois eixos como metodologia de leitura - o campo e a cidade - desenhando anotações de matizes diversos, como quem olha verdadeiramente uma plasticidade inovadora e singular. Dessas aproximações valemo-nos da tentativa de escrever visualidades, imagens, estabelecer jogos de analogias na leitura da cidade e do campo.

É a marca da plasticidade que Cesário Verde dá a seus poemas, que leva o professor Valci a elegê-los como estratégias para leituras desses dois recortes, articulando internamente conceitos e transformando-os em instrumentos de reflexões teóricas e culturais. Reforça-se o grau de

encenação e plasticidade que constrói o cenário poético da obra, da cidade e do campo nela representado.

Os dois aspectos explorados por Valci, nesse livro, sugerem, pelo processo de analogias, várias metáforas de leituras espaciais na poesia do poeta português. Desenhar a cidade ou o campo, neste sentido, é como desenhar rascunhos, imagens, deambulações. Mas, para desenhá-los, é preciso observá-los, conhecê-los, caminhar por eles. Algumas vezes, no entanto, esse processo não se torna fácil, pois tanto o sujeito lírico quanto a cidade ou o campo surgem em movimento, ocupam lugares descentrados, e o ponto de vista do desenhista é, também, móvel, fugidio. Para conhecê-los, é necessário tê-los ao alcance. É impossível totalmente o hoje dele/dela, entender a cena apenas atual. Ambos estão em processo. Como apreender com contornos precisos o campo e a cidade? Valci Vieira percebe que só domesticados poderá um dia conhecê-los. Se já existe um retrato anterior que os tenha cristalizado, as imagens que o sustentam são precárias: um movimento qualquer rompe o equilíbrio.

Esta leitura crítica, portanto, confirma que é difícil desenhá-los na extrema atualidade. Eles se ocupam da poética cesarina espaços vários, cenas, movimentos incessantes. Como fixá-los, se crescem em mecanismos diversos? A cidade e o campo só podem ser olhados em perspectivas múltiplas, algumas vezes, simultâneas. Variações de ponto de vista e do objeto observado gerariam um quadro impressionista feito os tons que dão vida e substância aos quadros de Renoir, segundo a leitura de Valci (p. 91).

Nesse caso, chama a atenção do estudioso a linguagem pictórica nos poemas cesáricos que retomam signos do mundo das artes plásticas, tais como: quadro, pintura, cor, aquarela, tinta e tantos outros, aliados à composição de versos e estrofes que dão forma a quadros de pintores desde a arte barroca à modernidade. Pintando cenas, estabelecendo recortes, o artista ou poeta-pintor-esteta parece integrar-se nos quadros naturais que o cercam e que ele transmite na euforia de uma escritura plástica, de uma poesia que sugere cenas de realismo imediato e, como que já delas distanciadas, transmitem, no canto lírico, o isolamento de realidades mediatas, para além de um mundo físico em que se vive.

Acidade e o campo, enquanto pinturas, assim, por serem dramatizados em cenas por um olhar prismático, são considerados textualidades. Podem-se ler os dois de modo descontínuo, aos saltos, em movimento entre pintura e poesia, escrita e subjetividade, fazendo, ao mesmo tempo, a leitura se ramificar em diversas direções em sua dispersão. Nesse processo

operatório, Valci, pela poesia cesarina, desdobrou a sintaxe da superfície poética, fazendo as significações potenciais e afastadas se relacionarem e estabelecerem diferentes direções significantes. Por esse viés, é possível abrir pistas para suplementos e acréscimos a partir dos veios abertos na tessitura do poeta português. Tais caminhos possibilitaram examinar a exterioridade, os cruzamentos e as relações que constituem a poesia como superfície-plana, labiríntica ou como exercício estético do olhar.

Dessa forma, podem-se oferecer esboços do desenho da cidade, lendo-se textos que leem a Lisboa e já são, pois, interpretação. Pelas mãos de Valci, elaboram-se, assim, interpretações de interpretação. *Campo e cidade na poesia de Cesário Verde* é um livro-método que possibilita ler o espaço como representação, por meio de um discurso mediatizado, que não inviabiliza, contudo, retornar à realidade observável do espaço como construção poética (a Lisboa, por exemplo), que é semiotizada pela linguagem.

O livro de Valci não se organiza como um tratado de filosofia ou formas de ler espaços; pelo contrário, ele propõe leituras plurais e inesgotáveis, cujos trajetos são arquitetados entre lugares e tempo, escrita e subjetividade, poesia e imagem. Cesário Verde, o viajante, comenta cenas de forma inaugural nas trilhas percorridas. Assume uma voz que brame o canto diferente, anunciando uma modernidade, mas geralmente despercebido por aqueles que se deixam contagiar somente pelo olhar que capta.

Com um estilo arejado e uma grande capacidade de traduzir suas leituras e recortes em capítulos significativos, concisos, porém algumas vezes densos este livro - que antes foi uma dissertação de mestrado - cria conexões invisíveis e multiplica as imagens sem destituí-las de seu significado; ao contrário, essa multiplicação pela escrita de Valci opera uma riqueza de significados que deixa sempre traços da memória cesarina no leitor. A leitura desse livro sugere, de alguma forma ou de outra, que, além de operar cruzamentos de poesia e espaço, devemos ler essas representações como forma aberta, em redes significativas de procedimentos poéticos e exercícios em movimento. Como algum recado que anuncia uma leitura em labirintos, feito ofertas engenhosamente modeladas e multiplicadas na pós-modernidade.

Brincar de metáforas, ler recortes e representações do espaço na poética cesarina são estratégias que, sem perder o rigor, Valci Vieira dos Santos soube conjugar aos jogos de linguagem a passagem da metáfora ao conceito. Ela, a metáfora, deixa de ser apenas uma figura retórica, para ganhar força operatória nesse livro. Na força lúdica da metáfora-conceito, o crítico trabalha a linguagem e a atividade do leitor, afinal, ele mesmo e seu leitor absorvidos pelo universo dos signos da lírica do poeta-esteta.